



Cabo Verde Cultura e Teatro no Mindelo

Pág. 2 e 3

**Guiné-
-Bissau**
Mais 400
professores
concluem
formação

Pag.2



Senegal
— ensino
da língua
portuguesa
Números
que falam
por si

Pag.4



**Instituto
Camões**

Apoios
à edição
em 2011

Bolsas
para
estrangeiros

Pag.4

Encontros do Mindelo Temos cultura...?

«A cidade do Mindelo, na ilha de São Vicente, é, desde há muito, um caso à parte no panorama cultural de Cabo Verde. É a segunda cidade do país e a 'capital cultural' de Cabo Verde, segundo se escreve recorrendo à literatura. A urbe tem uma vida noturna intensa, com os seus bares e discotecas, palco privilegiado para mornas e coladeras. Foi lá que nasceu a mais internacional cantora cabo-verdiana da atualidade, Césaria Évora. É lá perto que realiza todos os anos o reputado Festival de Música da Baía das Gatas. É lá também que vive o mais conhecido escritor cabo-verdiano Germano de Almeida. E é lá ainda que se efetua o mais importante festival de teatro do país, o Mindelact, assim como é lá que reside a sua companhia mais conhecida fora de portas, o Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo (v. artigo neste suplemento). Dezanove dos 52 artistas plásticos cabo-verdianos listados no sítio 'Artafrica', do Centro de Estudos Comparatistas da Faculdade de Letras de Lisboa, são de São Vicente. Embora alguns se tenham expatriado, a maioria ainda aí vive e trabalha. Mas para além destas figuras e acontecimentos, há toda uma miríade de agentes, instituições e associações culturais que fazem sentir a sua presença.

O cosmopolitismo do Mindelo tem raízes na sua história, e esta no seu porto - o Porto Grande -, baía de águas profundas que serviu durante séculos, mas sobretudo desde o advento do barco a vapor, no século XIX, de escala obrigatória da navegação atlântica. Levou gente, mas trouxe gente e o mundo e as suas influências até à cidade. Este facto deu ao Mindelo uma configuração cultural diferente e única no contexto da insularidade cabo-verdiana, como reconhecem aliás a maio-

ria dos entrevistados do projeto de investigação sobre o contexto cultural e criativo do Mindelo, levado a cabo pela antropóloga Rita Lobo, por iniciativa do Pólo do Mindelo do Centro Cultural Português/Instituto Camões (CCP/IC) e com apoio do Projeto INOV-Art. Os entrevistados também concordam que essa diferença resulta da «própria formação histórica da cidade». «A cidade do 'Porto Grande' era palco de grande mistura de culturas, com uma economia em desenvolvimento, e isso necessariamente torna-a criativa», segundo diz a investigadora.

No entanto, a globalização trouxe desafios e mudanças a uma cidade 'tecnicamente' já globalizada. «Nos últimos anos, têm surgido novos espaços e agentes culturais» no Mindelo, enquanto «o desenvolvimento do ensino superior povoou a cidade com estudantes universitários». «Para uns, a identidade cultural da cidade tem-se reforçado, enquanto que, para outros, a cidade está a definir-se, tanto do ponto de vista económico como cultural. Mindelo ainda é capital da cultura ora a cidade perdeu o seu mais importante capital?».

As citações pertencem à convocatória do ciclo de encontros *Mindelo... temos cultura?*, que decorreu entre janeiro e março no Mindelo, precisamente com o objetivo de refletir sobre os problemas com que a cidade se defronta no plano cultural e que Rita Lobo organizou e moderou juntamente com Irineu Rocha, no âmbito do seu projeto de investigação. A iniciativa do ciclo nasceu de uma parceria entre o CCP/IC., o Centro Cultural do Mindelo e o M. EIA, Instituto Universitário de Arte, Tecnologia e Cultura, com o apoio da Universidade Lusófona, Casa Senador Vera Cruz e TCV.



Réplica da Torre de Belém no Mindelo

O GLOBALIZADOR GLOBALIZADO

Constituído por seis conversas com temas e convidados diferentes, o ciclo enquadrou-se no projeto de investigação desenvolvido por Rita Lobo, cuja finalidade é «promover uma reflexão sobre a cidade de Mindelo enquanto cidade cultural, facilitar o conhecimento e divulgação dos artistas locais e abrir caminhos para o estabelecimento de novas parcerias entre associações, instituições e empresas».

Encerrados pelo ensaísta e programador cultural português António Pinto Ribeiro, nos encontros «foram debatidos temas como a cidade e a cultura, as periferias da cultura, a educação cultural e a formação de novos públicos, o balanço da oferta cultural da cidade; cultura, economia e turismo. Para cada um dos temas definiu-se um leque de problemáticas específicas que refletem as preocupações dos convidados e do público presente nas sessões», explica Rita Lobo.

Para a antropóloga, o Mindelo é hoje em dia, «cada vez mais», um «espaço urbano com problemas similares» aos de outros centros urbanos, noutros países, em que se

verifica um «aumento do desnível de redistribuição de recursos financeiros, o crescimento das zonas periféricas, a exclusão social e o desenvolvimento do turismo», tornando assim «fundamental pensar a forma como estas novas dinâmicas contribuem e exigem novos sistemas culturais».

«Apesar de se afirmar que há um grande potencial artístico e criativo [no Mindelo], segundo a maioria dos entrevistados, não há uma política cultural, no sentido em que não há uma visão estratégica por parte dos agentes políticos relativamente ao património material e imaterial deste contexto local», refere ainda Rita Lobo. «A falta de ensino cultural e artístico, num contexto em que historicamente há um grande potencial criativo, é outra das razões apontadas para o facto de a cidade poder estar mais deprimida culturalmente», acrescenta. Também a crise económica em São Vicente é outro dos condicionantes que «justifica uma não aposta nos sistemas culturais e no próprio turismo cultural, visto muitos dos entrevistados considerarem que há

uma relação intrínseca entre cultura e economia».

Cabo Verde, reconhecem todos, «encontra-se cada vez mais no sistema global e tal acarreta vantagens e desvantagens. Depende agora das políticas públicas de fomento à produção cultural, de empreendedorismo dos produtos culturais e da capacidade dos criadores em encontrarem caminhos que reforcem os aspetos positivos da presença do Mindelo no sistema global». No ponto de vista da investigadora, o Mindelo «deveria utilizar as suas especificidades no desenvolvimento dos produtos e sistemas culturais e não se limitar a copiar modelos vindos de fora».

Fazendo o balanço dos encontros, Rita Lobo diz que eles «proporcionaram reflexões, pensamentos, dúvidas e discussão de ideias, que, no seu todo, facultaram um melhor entendimento sobre as práticas culturais e sobre os públicos da cultura». Ora, a investigadora entende que «um melhor entendimento sobre esta realidade constituirá um importante ponto de partida para o desenvolvimento de novos modelos mais efetivos e inclusivos de se fazer cultura».

Língua Portuguesa na Guiné-Bissau Mais 400 professores concluem formação

«Quase quatro centenas de professores guineenses do ensino básico e secundário receberam a 31 de março o seu diploma do segundo curso de formação contínua em exercício de ensino-aprendizagem de Português Língua Segunda (PLS).

Em 2010, um primeiro grupo de 432 professores guineenses recebeu os diplomas pela conclusão do ciclo completo do programa de 3 níveis, iniciado em 2006 e adminis-

trado conjuntamente pelo Centro de Língua Portuguesa/Instituto Camões (CLP/IC) na Escola Normal Superior de Tchico Té (ENSTT) e por este mesmo estabelecimento de ensino especializado na formação de docentes da Guiné-Bissau.

Neste momento, no quadro deste programa dirigido conjuntamente pela responsável do CLP/IC, Leonor Santos, e pelo o diretor da ENSTT, Domingos Gomes, encontram-se

em formação 1.602 professores do ensino básico, distribuídos pelos níveis I (815 professores), II (642) e III (145).

A formação dos professores, que tem o apoio financeiro da empresa luso-guineense Petromar (grupo Galp Energia) é ministrada através das chamadas Unidades de Apoio Pedagógico/Pólos de Língua Portuguesa (UAP/PLP), existentes em 12 centros espalhados pela

Guiné-Bissau (Gabú, Quinhamel, Bafatá, Mansoa, Bissau, Canchungo, Ingoré, Bubaque, Catió, Buba, Bolama e Tombali).

O programa, diz Leonor Santos, constitui «uma atividade de crucial importância» na ação do Instituto Camões no país, desenvolvendo-se «em todas as regiões da Guiné-Bissau». «As ações, dinamizadas localmente por 13 formadores guineenses, visam ajudar esses professores em formação a serem capazes de dar resposta a uma série de desafios colocados no âmbito da educação em Português Língua Segunda», acrescenta.

Aperfeiçoar práticas docentes, fornecer preparação teórico-prá-

tica, dar resposta aos problemas concretos de ensino-aprendizagem e favorecer a experimentação de metodologias e materiais pedagógicos adequados ao contexto guineense constituem alguns dos aspetos do programa que visa ainda desenvolver as competências pedagógicas e linguísticas dos professores da Guiné-Bissau, país onde o português é a língua oficial, mas onde os idiomas utilizados pela maioria da população são crioulos de base portuguesa e línguas étnicas.

«Os guineenses gostam de aprender a língua portuguesa, não só por a considerarem uma língua de promoção social, mas também porque o domínio dessa língua

Companhia do Centro Cultural Português Um projeto de miscigenação cultural



Os Amantes. Espetáculo do Grupo de Teatro do Centro Cultural Português no Mindelo

■ O Grupo de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo (GTCCP), em Cabo Verde, vai estrear este ano as suas 45ª e 46ª produções teatrais. Em maio, será a apresentação da peça *Naque - sobre pilhos e atores*, uma adaptação do texto do dramaturgo contemporâneo espanhol José Sanches Sinisterra. Depois, em setembro, será a vez da estreia de *Bodas de Sangue*, de García Lorca, enquadrada na 18ª Edição do Festival Mindelact. Antes disso, a peça *Os Amantes*, apresentada pela primeira vez na edição de 2010 do Mindelact - o festival de teatro da capital da ilha de São Vicente - volta à cena no Mindelo de 7 a 10 de abril.

Nos seus 17 anos de atividade, o GTCCP é já num caso de assinalável longevidade cultural. Mas não é só essa característica que transforma

a companhia num caso à parte. O grupo é um dos mais marcantes de toda a história do teatro em Cabo Verde. E, segundo os seus membros, é certamente o mais produtivo (duas novas peças por ano, em média) e o que mais tem levado o teatro de Cabo Verde às grandes arenas internacionais.

A justificação para esta manifesta notoriedade, dentro e fora de Cabo Verde, por uma companhia, nominalmente integrada num centro cultural estrangeiro, que representa amiúde o país em festivais internacionais, assenta na qualidade: «O que justifica essa presença é, essencialmente, a qualidade das suas propostas estéticas e cénicas e o facto de [...] sempre nos assumirmos como um grupo de teatro do Mindelo, de Cabo Verde, cujos ativos são cabo-

verdianos, e que, portanto, faz um teatro experimental novo, ousado, desafiante e contemporâneo, carregado de uma cabo-verdianidade inquestionável», responde João Branco, diretor do GTCCP desde a sua fundação.

De facto a companhia - amadora, mas sem amadorismos - é «o grupo cabo-verdiano com maior número de participações internacionais em representação do teatro das ilhas», reconhece João Branco, o encenador português que está na origem do grupo quando, em 1993, no pólo do Centro Cultural Português do Mindelo deu um curso de iniciação teatral a atores que viriam a constituir o futuro elenco.

O filho do músico José Mário Branco admite que o nome do grupo «torna pouco convidativo o apare-

cimento de mais desafios por parte das produtoras dos festivais» e reconhece mesmo que existiu, no início, «a desconfiança de que se poderia estar a levar algo que tivesse pouco a ver com Cabo Verde». «A conquista do nosso espaço no panorama teatral nacional [cabo-verdiano] nem sempre foi fácil ou pacífica», acrescenta. No entanto, garante, «neste momento, esta questão deixou de se colocar, pois o currículo e historial do grupo fala por si». «Sempre nos afirmámos como um grupo de teatro cabo-verdiano, apesar de sedeados e ter no seu nome uma entidade estrangeira».

O aparecimento do GTCCP no Mindelo deve-se, segundo o diretor do grupo, às «características ideais» da cidade para acolher um projeto «que vive da miscigenação de duas culturas e duas línguas (a cabo-verdiana e a língua portuguesa) e que de alguma forma é o resultado da própria idiossincrasia do povo e culturas locais».

Para Ana Cordeiro, responsável do Pólo do CCP/IC, o facto de a companhia ser chamada a representar o Mindelo «mostra essa ligação entre o centro e a cidade».

«Não é considerado um corpo estranho, ali», o que se compreende, porque foi opção fazer-se um centro cultural português «aberto também à cultura cabo-verdiana» e a outras culturas africanas de língua portuguesa. Embora a função primeira seja a divulgação da língua portuguesa, o crioulo cabo-verdiano «entra pontualmente» e o grupo de teatro tem mesmo no seu repertório algumas peças representadas em crioulo, o que «ajuda a manter essa relação com a cidade», sublinha a responsável do pólo.

A cidade acolhe também o Mindelact, que em 2010 teve, pela primeira vez, uma extensão muito significativa na Cidade da Praia, a capital, com a colaboração do Centro Cultural Português/Instituto Camões. João Branco é o seu diretor artístico desde a fundação do festival, em 1995, que «se deu basicamente por iniciativa de elementos ligados ao Centro Cultural Português» do Mindelo, antes mes-

mo da criação associação que hoje promove o evento.

Embora os membros do GTCCP sejam ativos na gestão da Associação Mindelact, esta «tem também membros de muitos outros grupos de teatro existentes em Cabo Verde» e, se «o facto de o diretor artístico do grupo ser também aquele que dá a cara pelo Mindelact pode provocar algumas confusões», conforme admite João Branco, «o tempo tem ajudado a desfazê-las».

Língua Portuguesa em Cabo Verde Cooperação com a UniCV

■ A ação do Instituto Camões, no domínio da promoção da língua portuguesa em Cabo Verde, centra-se hoje em dia em duas vertentes: a do IC-Centro Cultural Português (IC-CCP) e a do Centro de Língua Portuguesa/IC (CPL/IC), englobando o leitorado de Língua e cultura Portuguesa, na Universidade de Cabo Verde (UniCV), nos termos do Protocolo de Cooperação entre as duas instituições assinado em 1999 e revisto em 2010, no quadro da I Cimeira Luso-Cabo-verdiana.

O IC-CCP tem centrado a sua ação na realização de curso de Português Língua Estrangeira (decorre, neste momento, o 12º curso), de pequenos cursos livres (história da língua, escrita criativa, etc.), na promoção do livro em língua portuguesa e da leitura (edição e lançamento de livros, encontros com escritores, realização de conferência e colóquios)

Já o CPL/IC, integrado no Departamento de Ciências Sociais e Humanas da UniCV, coordenado pela leitora do IC Mariana Faria, presta um estreito apoio à licenciatura em Estudos Cabo-Verdianos e Portugueses oferecida por aquela Universidade, atualmente frequentada por 74 alunos. No âmbito do mesmo departamento, noutros cursos, a disciplina curricular Língua Portuguesa/Práticas de Comunicação é frequentada por mais 138 alunos, prestando igualmente o Centro o seu apoio à realização de oficinas a eles dirigidas, bem como ao corpo discente universitário e secundário.

Entre 2005 e 2010, o IC esteve também fortemente envolvido no Projeto de Formação Contínua de Professores do Língua Portuguesa do Ensino Secundário, pioneiro nesta área em Cabo Verde, de que beneficiaram mais de 130 docentes. Neste momento, o projeto encontra-se em fase de reestruturação, aguardando-se indicações da UniCV.



permite-lhes uma comunicação muito mais ampla» - é a explicação que avança por Leonor Santos para o interesse de Guiné-Bissau na língua portuguesa. A responsável do CLP/IC cita ainda Hildo Honório do Couto, professor da Universidade de Brasília, de acordo com o qual a defesa do português como língua oficial e de ensino pelas autoridades guineenses, visa «manter uma identidade luso-africana frente à identidade franco-africana dos países circunvizinhos».

A ação do CLP/IC no âmbito do ensino-aprendizagem do PLS estende-se também à formação inicial de professores, através da licenciatura em Língua Portuguesa existente na ENSTT. «Atualmente a duração

formal da licenciatura é de 1 mais 3 anos», indica Leonor Santos, que acrescenta estar-se a aguardar uma resposta da Faculdade de Letras de Lisboa para dar início ao curso de mestrado em língua portuguesa, decorrente de um protocolo tripartido envolvendo o Ministério da Educação da Guiné-Bissau e o IC.

Ainda na Guiné-Bissau, o IC mantém a docente de Língua Portuguesa Sónia Heitor na Assembleia Nacional Popular da Guiné-Bissau, na sequência de um pedido desta junto da Assembleia da República de Portugal. Atualmente são 57 os formandos (43 funcionários e 14 deputados) que frequentam o curso de língua portuguesa.

> CURTAS <

Centro Cultural de Paris coordenará Europa

❑ O Centro Cultural Português/Instituto Camões em Paris vai ser o centro coordenador regional para a Europa, segundo declarou a 1 de março a Presidente do Instituto Camões (IC), Ana Paula Laborinho.

A medida insere-se na criação de centros coordenadores regionais de Cultura Portuguesa no mundo, anunciada na Comissão Parlamentar dos Negócios Estrangeiros e Comunidades da Assembleia da República pela Presidente do IC, que revelou também a realização, em maio, de um colóquio sobre o peso económico do espanhol e do português.

Segundo Ana Paula Laborinho, os centros coordenadores regionais permitirão uma melhor gestão de recursos e, dada a maior proximidade aos públicos alvo, tornarão mais produtiva a definição de estratégias de intervenção cultural. Referindo o exemplo do Instituto Britânico, que já trabalha dessa forma, a Presidente do IC garantiu que os centros culturais integrarão «a linha da frente da diplomacia cultural e económica» portuguesa.

Relativamente ao colóquio sobre o peso económico das duas línguas ibéricas, Ana Paula Laborinho indicou que reunirá «os mais altos especialistas e é uma organização conjunta do Instituto Camões e do Instituto Cervantes».

Apoios à edição de 2011 privilegiam sérvio e línguas asiáticas

❑ As traduções para sérvio e idiomas asiáticos são consideradas «prioritárias» no concurso de 2011 do programa de apoio à edição do Instituto Camões (IC). O período de candidatura dos apoios à tradução



de «obras de autores de língua portuguesa» e de obras que «versem sobre temas da língua e da cultura portuguesa» decorreu até ontem.

Os resultados finais do concurso «serão anunciados na página do IC, IP», 60 dias úteis após a data limite para a apresentação das candidaturas, devendo a edição das obras apoiadas estar concluída até final de 2011.

A prioridade dada à língua sérvia é justificada nas normas do concurso pelo facto de a língua portuguesa

ser a convidada de honra da Feira do Livro de Belgrado de 2011, que deverá ocorrer no último trimestre deste ano.

Já a preferência dada às línguas asiáticas decorre de várias datas comemorativas do relacionamento de Portugal com países asiáticos e acompanha também iniciativas culturais, como exposições, nesses países.

O concurso é aberto a «editoras estrangeiras que pretendam editar obras de autores de língua portuguesa traduzidas noutros idiomas e disponham de capacidade de distribuição internacional», nos termos da regulamentação.

Bolsas do Instituto Camões Candidaturas decorrem de 19 a 29 de abril

❑ De 19 a 29 de abril decorre o período de candidatura aos seis programas de bolsas do Instituto Camões (IC) no ano letivo de 2011/2012 destinados genericamente a estudantes, professores e investigadores estrangeiros e portugueses residentes no estrangeiro.

No período de pré-candidatura, que teve lugar entre 15 e 22 de março, apresentaram-se a concurso 525 candidatos. Os selecionados na primeira fase foram entretanto solicitados a apresentarem na fase de candidatura a documentação com vista a uma decisão final pelo júri dos vários programas de bolsas.

No presente ano letivo de 2010/2011, o Instituto Camões concedeu em quatro programas cerca de uma centena de bolsas, entre pedidos novos e renovações.

Senegal - ensino da língua portuguesa Números que falam por si

❑ O Instituto Camões (IC), através do seu leitor em Dacar, José Horta, tem presentemente dois objetivos no Senegal: obter novas instalações para o Centro de Língua Portuguesa (CLP), que a 10 de Junho assinala o 5º aniversário da sua criação, e enquadrar num novo protocolo a participação na formação de professores de português no país, onde existem cerca de 25 mil estudantes da língua portuguesa no sistema público de ensino.

As atuais instalações do CLP na Faculdade de Letras e Ciências Humanas (FLSH) da Universidade Cheikh Anta Diop (UCAD), compostas por duas salas, «são já insuficientes para acomodar os cerca de 180 utentes que diariamente a frequentam, ao longo das 8 horas em que estão abertas ao público», diz José Horta que está otimista, pois, «as autoridades académicas valorizam o trabalho que o IC tem desenvolvido para apoiar os muitos lusófilos do Senegal».

Por seu lado, a assinatura do protocolo destina-se a «cementar e aprofundar o trabalho que, com a colaboração do leitor, tem vindo a ser realizado ao nível da formação dos mais de 240 professores de Português no Senegal», refere José Horta, que se encontra desde 2005 como leitor de Língua e de Cultura Portuguesa na UCAD, onde já ocupara as mesmas funções entre 1998 e 2003. A formação dos professores senegaleses de Português constitui «sem dúvida»,

segundo ele, «o núcleo do ensino da língua neste país».

O Senegal, país com estatuto de observador da CPLP, é um caso sem paralelo no panorama do ensino do português fora do mundo lusófono, visto que é estudado no ensino médio (8º e 9º anos), secundário (10º, 11º e 12º anos) e superior. A disciplina integra o leque de seis idiomas estrangeiros opcionais ensinados a partir do 8º ano, para além do francês (língua oficial) e do inglês (obrigatório a partir do 6º ano). A aprendizagem pode durar 5 ou 3 anos, consoante o aluno a tenha escolhido logo no 8º ano ou só no 10º ano.

No ensino superior, o Português é estudado na FLSH da UCAD de Dacar, durante os 4 anos da licenciatura em Estudos Portugueses ou como língua de opção nos outros departamentos ou secções da Faculdade. Nos centros universitários regionais de Thies e de Ziguinchor, o Português pode ser estudado no âmbito de cursos vocacionados para Tradução, Relações Internacionais ou Turismo. É ainda estudado na Faculdade de Ciências e Tecnologias da Educação e da Formação da UCAD (FASTEF), durante um ou dois anos, pelos futuros professores de língua.

Os números referidos por José Horta falam por si: nos ensinos médio e secundário do Senegal havia, em 2009-2010, cerca de 23.000 alunos de língua portuguesa nos estabelecimentos

de 12 das 14 regiões do país. Na FLSH o número de estudantes é este ano letivo superior a mil, 770 dos quais na licenciatura em Estudos Portugueses. Na FASTEF, há, no presente ano letivo, cerca de 50 discentes estagiários. E nos centros universitários de Thies e de Ziguinchor o número de estudantes será atualmente de «algumas dezenas», pois são instituições criadas recentemente.

Deve-se ao presidente-poeta Léopold Sédar Senghor a introdução do português no ensino secundário senegalês, em 1961, e no ensino universitário, em 1973, recorde o responsável do CLP. Mas sendo «substancialmente diferente» o número daqueles que aprendem cada uma das seis línguas estrangeiras opcionais no sistema de ensino, para o elevado número de aprendentes de português José Horta aponta fatores como o prestígio do idioma junto dos estudantes, a proximidade da Guiné-Bissau e Cabo Verde, a partilha de valores culturais entre as populações do sul do Senegal e da Guiné-Bissau («são grandes as semelhanças entre os crioulos de base lexical portuguesa nos dois lados da fronteira»), o trabalho de promoção junto das escolas, a motivação induzida pela formação recebida pelos docentes, as saídas profissionais e a maior ou menor presença dessas línguas e respetivas culturas nos meios de comunicação social.

Para manter o ensino da língua portuguesa no elevado nível que ganhou no Senegal, José Horta à sua atividade como professor, formador e responsável pelas atividades do CLP junta o permanente contacto com docentes, autoridades escolares e universitárias e com a Associação de Professores de Português do Senegal. «A relação que mantenho com estas entidades é muito salutar, de uma grande cordialidade e, nalguns casos, de camaradagem profissional».



Portugal aos olhos das crianças russas

❑ Uma exposição constituída por obras de crianças das escolas de arte de Moscovo participantes num concurso sobre Portugal esteve patente em março, na sede do Instituto Camões (IC), em Lisboa, que também acolheu a cerimónia de atribuição dos prémios aos vencedores do concurso, de visita ao país durante uma semana. Algumas das obras premiadas irão ser doadas a instituições de solidariedade social portuguesas que se dedicam a crianças.



Instituto Camões
Rua Rodrigues Sampaio, 113
1150-279 Lisboa
TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987
www.instituto-camoes.pt
jlencarte@instituto-camoes.pt
PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Mário Filipe
COLABORAÇÃO Carlos Lobato;
Ricardo Neves